

EXPERIÊNCIA E MÉTODO CIENTÍFICO: C. S. PEIRCE E “A FIXAÇÃO DAS CRENÇAS”

Tereza Ramalho de Azevedo Cunha*

RESUMO

O presente trabalho propõe-se a apresentar as principais idéias que constituem a base do primeiro pragmatismo concebido por Charles Sanders Peirce tal como expressa em seu texto “A Fixação das Crenças” (1887). Concentra-se, de modo particular, nos postulados de Peirce acerca da experiência como condição subjacente ao espírito do pragmatismo. Nesse sentido, lança-se mão de algumas considerações acerca do pensamento cartesiano - a que ele se opôs. Merece breve exame, adicionalmente, a relativa sintonia entre as proposições de Peirce e a de Roger Bacon, esse “quase cientista”, no dizer de Peirce, do século XIII, não obstante os elementos nos quais suas concepções se distinguem entre si. Assinala-se que nesse estudo recorreu-se, com o objetivo de manter a fidelidade das idéias dos autores aqui abordados, a constantes e extensas citações. Melhor dizendo, evitou-se o risco de se cair em digressões circulares ou de restringir o texto a paráfrases daquilo que os próprios autores dizem com maior precisão e propriedade.

ABSTRACT

This paper aims at presenting the main ideas that constitute the basis of the first pragmatism imagined by Charles Sanders Peirce as expressed in his text “A fixação das Crenças” (1887). In a particular way, it concentrates in Peirce’s postulates about the experience as an underlying condition to the spirit of pragmatism. In this sense, some reflections about the cartesian thought are made – to which he opposed. Besides, attention should be given to the relative syntony

* Prof^a. do Departamento de Artes da UFMT, Mestre em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP.

between Peirce and Roger Bacon's proposition, this "almost scientist", of the XIII century in Peirce's view, independent of the elements in which their conceptions are different from each other. With the aim of keeping the fidelity of the author's ideas quoted here, we used constant and extensive quotations, that is to say, we avoided the risk of making circular digressions or restricting our text to paraphrases of what our own authors say with accuracy and quality.

Experiência, ciência e cotidiano

A importância primordial da experiência, tanto na investigação científica como no cotidiano do homem, é destacada soberbamente por Charles Sanders Peirce em "A Fixação das Crenças", que nele formula suas primeiras críticas ao cartesianismo. Esse texto de 1887 faz parte de uma série de escritos sobre o tema A Lógica da Ciência que, juntamente com cinco outros artigos, foi publicado originalmente num periódico popular, *Science Montly*. O autor apresenta nesse texto sua proposição de um método de investigação anticartesiano, o denominado método científico, mas tarde plenamente equacionado com o seu pragmatismo, como nos diz Santaella (1993).

Tratando da abordagem peirceana da experiência, essa autora afirma:

(...) a consciência individual não pode ser tomada como padrão da verdade de modo que, ao formular uma hipótese, temos de atentar para os fatos externos, pois é por eles, e não por fantasias pessoais ou exclusivamente pelo desenvolvimento lógico do nosso pensamento, que nossas crenças são constantemente modificadas.

Vemos aqui que Peirce, que recusa a identificação pura e simples com os postulados empiristas, propõe a realidade exterior à consciência do homem como parâmetro da verdade, evitando com isso cair no subjetivismo decorrente da proposição da "consciência individual" como critério e dirigindo a atenção, e os esforços da ciência, para os fatos objetivos, bem como para o

método mais apropriado para a sua apreensão.

Revela a importância que tinha para Peirce a questão do raciocínio lógico – e do seu papel na fixação das crenças, por exemplo – o seguinte enunciado:

(...) traçar inferências é a última das faculdades sobre que adquirimos amplo domínio; é menos um dom natural do que arte de aprendizado longo e difícil (SANTAELLA, 1993).

Quer dizer, inferir é uma atividade que não depende de inclinações pessoais, mas da aprendizagem de um modo objetivo de proceder que leva a esse resultado, uma faculdade que pressupõe o conhecimento de todas as outras. Não se trata, pois, do estudo da lógica tal como a entendiam os mestres medievais, que restringiam o aprendizado ao domínio do silogismo e que tinham por parâmetro um pensamento subordinado ao princípio da autoridade: só era verdadeira a idéia assentada nos argumentos de uma autoridade reconhecida.

Peirce revela nutrir admiração por Roger Bacon, a quem chamava de “espírito notável”. Trata-se de um frei da Ordem dos Menores que, no século XIII, se opôs à concepção medieval de raciocínio, que julgava um obstáculo à compreensão da verdade. O principal ponto de união entre Peirce e Roger Bacon é a proposição da experiência como parâmetro da aprendizagem, a despeito das dificuldades que esta concepção apresenta – o que Peirce, diga-se de passagem, reconhece.

Para Roger Bacon (1997), só a experiência ensina, porque, em suas palavras, “sem experiência nada pode ser suficientemente sabido... o argumento não é suficiente, mas a experiência sim”. Isso mostra que, já no século XIII, ele sentia a necessidade de princípios exteriores ao homem, isto é, princípios objetivos de aplicação geral e que independam das inclinações do homem – ou, nesse sentido, das autoridades reconhecidas -, princípios igualmente caros ao empreendimento peirceano.

Esse é o contexto no qual Peirce, revendo diferentes concepções relativas à experiência – de Francis Bacon a Lavoisier, pas-

sando pelos primeiros cientistas -, mostra ter este último revelado uma nova concepção do raciocínio no qual se destaca a consciência (“olhos abertos”) e que se configura como “manipulação de coisas reais em vez de manipulação de palavras e fantasias” (p. 72). Verifica-se aqui ter Lavoisier importante participação na gênese e no desenvolvimento do pragmatismo peirceano, que acentua o caráter concreto do pensamento em ato das experiências.

Da dúvida à crença: a ‘investigação’

“L’homme vit et se meut dans ce qu’il voit; mais il ne voit que ce qu’il songe.” Paul Valéry

Ao ver de Peirce, “O objetivo do raciocinar é descobridor, a partir da consideração do que sabemos, algo que não sabemos”. Ou seja, raciocinar é, em última análise, inferir (o desconhecido a partir do conhecido), passando da dúvida (o desconhecido) à crença (o conhecimento). Isso lhe permite mostrar que, por exemplo, o mais das vezes, a esperança, não sendo fundada na experiência, tem caráter metafísico, não merecendo o otimismo dela decorrente qualquer crédito.

Caracterizando o homem como animal predominantemente lógico, Peirce aborda a questão dos princípios orientadores da inferência e do raciocínio, chegando a uma importante questão: “todos os fatos podem atuar como princípio orientador”. A necessidade de delimitação que isso lhe impõe faz que o autor, ao considerar o papel dos fatos na própria formulação da “indagação lógica”, chegue à seguinte distinção:

De modo geral, sabemos quando é de nosso desejo formular uma pergunta ou formular um juízo, pois há diferença entre a sensação de duvidar e a de crer. [p. 76].

Isso significa que o senso comum diferencia, a partir das sensações, a dúvida da crença. Mas não é esse para Peirce o critério definidor da dicotomia dúvida/crença, visto que, ao seu ver, “Nossas crenças orientam nossos desejos e dão contorno às nossas ações”. Peirce então define a crença como “indicação mais ou menos segura de se ter estabelecido em nossa natureza uma tendência que deter-

minará nossas ações”, caracterizando o estado de dúvida em termos negativos, como algo que “nunca se acompanha de tal efeito”.

Por fim, ele chega ao terceiro nível da distinção crença/dúvida: o caráter “desagradável e incômodo” da dúvida, que nos impele a lutar para “passar ao estado de crença”. Nesse sentido, ele destaca o nosso imenso apego àquilo em que cremos e a crer naquilo em que cremos.

Fica sobremodo claro que, na sua concepção, a dúvida se reveste para o espírito da condição de sensação mais positiva, visto que o estímulo que evoca produz o empenho por alcançar o estado de crença. Ele denomina esse esforço, à falta de termo melhor, Investigação. Quer dizer, a dúvida provoca a ação de busca da crença, estado desejável de tranqüilidade e de satisfação.

Antes de entrar na discussão dos métodos de fixação da crença, Peirce, propondo a existência de uma dúvida “viva e real” como razão necessária e suficiente para o esforço de busca da crença – por meio da investigação –, refuta algumas concepções correntes de prova, que caracteriza como “vagas e errôneas”.

Os métodos de fixação das crenças

Partindo da hipótese de que o “acordo de opiniões é o objetivo único da investigação” e de que “a crença reveste a natureza de um hábito” (sendo a análise deste último importante pilar da teoria peirceana), Peirce passa ao exame dos quatro métodos de fixação de crenças, quais sejam:

- O método da tenacidade;
- O método da autoridade;
- O método a priori; e
- O método da ciência.

O método da tenacidade é o método mais primitivo de fixação das crenças, sendo marcado pela aceitação de uma dada resposta para uma questão, que é repetida até o limite das forças, pelo apego a tudo quanto possa conduzir-nos a essa crença e pela rejeição de tudo o que tenda a contrariá-la. Para Peirce, esse método, ao depender exclusivamente do indivíduo, não resiste a

nenhuma interação social que este venha a ter – visto que, em qualquer delas, o indivíduo verificará que seus semelhantes podem pensar de alguma outra maneira, igualmente aceitável, o que, como é natural, deixará abalada a crença que ele abraça.

O método da autoridade, que serve de sustentação a “corretas doutrinas teológicas e políticas”, caracteriza-se pela imposição de uma dada crença e pela proibição, sob pena de atrozes castigos, de quaisquer vozes discordantes. Trata-se de um método de imposição autoritária de crenças, merecendo a oposição de todos os espíritos dotados da “mínima independência de pensamento”. Aqui, Peirce critica a escravidão mental auto-imposta de parcela ponderável da humanidade, concluindo ser o melhor método para a massa da humanidade. Com ecos da lógica kantiana do senhor e do escravo, Peirce assinala que “Se o mais intenso impulso que experimentam os leva a serem escravos intelectuais, escravos devem continuar”.

O método a priori, de que é exemplo, na opinião de Peirce, o método cartesiano, baseia-se no gosto, ou melhor, naquilo que “nos sentimos inclinados a acreditar”, naquilo que atrai o homem por ser “agradável à razão”. Baseado no instinto que faz as vezes de “causa última da crença”, trata-se de um método vinculado à indução baconiana que se aproxima do método da autoridade, mesmo que à falta desta, e que, de qualquer maneira, depende em demasia de fatores acidentais.

O método da ciência, ponto culminante desse percurso de métodos de fixação da crença, é caracterizado por Peirce como método, por força do qual nossas crenças ... [passam] a ser determinadas não por algo humano, mas por algo externo e estável – por algo sobre que nossa reflexão não tenha efeito (84).

Dessa forma está eliminado aqui o apego, a qualquer custo, a uma dada crença, e a imposição de crenças a partir de alguma autoridade, bem como a busca de subjetivos elementos “agradáveis à razão”. Porque o método da ciência “deve ser tal que as conclusões últimas das pessoas sejam as mesmas”. Isso permite, de acordo com Peirce, alcançar a meta última da investigação científica: distinguir uma forma certa de uma errada – quer dizer, alcançar a verdade sobre a Realidade, de olhos abertos”.

À guisa de conclusão

O trecho a seguir define os princípios do método cartesiano, revelando estar ele baseado na intuição, portanto na subjetividade, no indivíduo. Ele não pode, evidentemente, servir de base a “conclusões últimas” que sejam as mesmas para todas as pessoas:

A fonte do cartesianismo está na intuição, mas seu alvo está no conhecimento certo e seguro. Dada qualquer proposição, ou ela é original, imediata, não determinada, ou ela é derivada, quando então procede de uma proposição anterior. Qualquer linha de raciocínio deve um ponto de partida, uma origem, do que decorre que, em algum momento, é possível atingir uma proposição originária que não é deduzida de nenhuma outra. Se essa proposição é indubitavelmente certa, é porque chegamos a ela num ato mental intuitivo, instantâneo (SANTAELLA, 1993, p. 42).

Verificamos ser essa ênfase na intuição, no atingimento de verdades “últimas” mediante atos mentais intuitivos, objeto de profunda oposição da parte de Peirce, que procura fixar a crença a partir de um método que transcenda as opiniões individuais e faça que todos cheguem às mesmas conclusões.

O cartesianismo busca fundamentar o “conhecimento certo e seguro” na intuição. Peirce, por sua vez, busca algo que seja estável e confiável, menos sujeito a mutações a partir de um ato particular de reflexão, porém capaz de levar a uma reflexão, e a um raciocínio, universalmente válidos.

Enfim, refutando os três métodos por assim dizer subjetivistas que aborda, Peirce defende os princípios que definem um agir científico objetivo, ainda que parem dúvidas sobre a Realidade de que fala a ciência: construção advinda do método ou representação do real concreto?

Mesmo que não se possa dar uma resposta decisiva a essa interrogação, pode-se ao menos dizer: dentre os vários métodos de fixação das crenças, o que parece melhor servir ao acordo de opiniões é o método científico de investigação. Talvez ele nos leve, a partir da crença, a novas dúvidas, mas que sentido haverá na vida humana a que faltam dúvidas?

Referências bibliográficas

BACON, Roger. **OPUS MAJUS, texto fotocopiado**. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento, 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

DESCARTES, René. **Discurso do método: as paixões da alma**. v. 1. 4. ed. (Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultura, 1987.

_____. **Discurso do método: as paixões da alma; Meditações; Objeções e respostas; Cartas**. v. 2. 4. ed. (Os Pensadores). São Paulo: Nova Cultura, 1987-1988.

DEBUS, Allen G. **El hombre Y la naturaleza en el Renacimiento**. México, CONACYT/Fondo de Cultura Económica, 1996.

IBRI, Ivo A. **KÓSMOS NOETÓS: A arquitetura metafísica de Charles Sanders Peirce**, São Paulo, 1986. Dissertação (Mestrado), PUC – Fotocópia.

PEIRCE, Charles S. “**A Fixação das Crenças**”. In: HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul; BURKS, Arthur (eds.), *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 8. v. 1931-1935 e 1958.

PEIRCE, Charles S. “**Como tornar claras as nossas idéias**”. In: HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul; BURKS, Arthur (eds.) *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press. 8 v. 1931-1935 e 1958.

PEIRCE e FREGE. (**Os pensadores**). São Paulo: Nova Cultural, 1989.

SANTAELLA, Lucia. **Metodologia Semiótica**. São Paulo, 1993. Fundamentos, Tese (Livre Docência), USP. Fotocópia.

_____. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. **Estética: De Platão a Peirce**. São Paulo: Experimento, 1994.